

Anno I

SULTANA

Num. 10

Revista mensal, literaria, critica, humoristica e illustrada

Director: Casimiro Brites Figueiredo

JUNDIAHY, 30 de Junho de 1923



HELENE COSTELLO

fulgurante estrella do cinema americano

*Helene Costello
Carmichael
Costello*

SULTANA

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE

Assignatura annual: 12\$000

Numero avulso: 1\$200

Numero atrasado: 2\$000

Pagamento adeantado

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao Director, snr. Casimiro Brites Figueiredo e endereçada a Avenida Dr. Cavalcanti n. 84 — Jundiahy.

Publicaremos gratuitamente photographias, instantaneos, « charges », caricaturas etc. enviados por nossos amigos e assignantes. Daremos sempre preferencia a assumptos que se refiram a vida de nossa terra.

Acceitamos collaboração, mas não publicaremos artigos politicos, polemicas, criticas ferinas etc. Não nos responsabilizamos pelas ideas expendidas pelos collaboradores.

Não devolvemos originaes, mesmo quando não publicados.

Todo e qualquer assumpto que se relacione com « Sultana » deverá ser tratado com o Director

SULTANA

O FEMINISMO



Entre as graves e serias preocupações da humanidade, na hora presente, é o feminismo uma das mais importantes.

As agitações politicas e as dificuldades economicas têm introduzido alterações radicaes na vida contemporanea. De certo, entre estas se acha a questão da igualdade de sexos, perante o direito.

Duas soluções são apresentadas, ou melhor, dois feminismo são propostos: um bom, genuinamente christão e outro mau, anarchico, revolucionario.

Este ultimo que tem seu expoente no suffragismo dynamiteiro e no bolshevismo do amor livre, propugna pela « emancipação da mulher », emancipação, sim de todos os direitos e deveres, que constitue o mais bello apanagio do sexo fragil. E' claro que a igreja não pôde perfilhar semelhante doutrina.

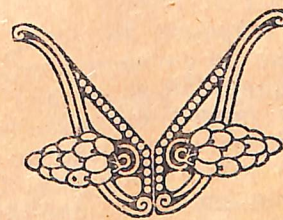
O direito humano e o divino, promulgados pelo christianismo, não estabelecem distincção essencial entre o homem e a mulher em tudo que diz respeito ás obrigações e privilegios. A natureza, porém, assignala a cada sexo condições peculiares e um logar determinado na sociedade.

O homem é forte, intelligente, apto para vencer as dificuldades da vida; a mulher é affectiva e fraca predomina pelas forças do coração; impera pela ternura e pelas lagrimas.

No decurso da historia a mulher apparece como

a victima mais sacrificada a todo genero de injustiça e só no christianismo encontra sua rehabilitação. Nesta religião dos opprimidos, é que a mulher apparece como a duplice aureola de virgem-mãe de um Deus-homem.

Platão, em sua Republica, fala de uma sociedade de homens de corações mais duros que penhascos, porque não haviam recebido os carinhos maternos.



CASA LIMA

com armazem
de seccos e
molhados finos,
louças, ferragens,
etc., etc.

J. Lima & Cia.

Rua Vigario J. J.
Rodrigues, 28

Phone, 112 — Entrega á domicilio

JUNDIAHY

es. E um escriptor moderno, nada suspeito de clericalismo, diz estas palavras « As mulheres da humanidade; hão de resolver-na a qualidade de mãe; na maternidade está a belleza de sua tarefa, e graças tão sómente á maternidade é que conseguirão vencer ».

A politica, não pôde oferecer muitas vantagens á mulher; concorrerá para o esquecimento dos seus deveres e obrigações domesticas, para cuidar dois interesses partidarios e será um elemento de discórdias familiares quando as esposas forem de opiniões diversas e militarem em campos oppostos.

No entanto a igreja não condemna a intervenção politica da mulher e não veda que lhe seja concedido o direito do voto, desde que esteja habilitada para se desempenhar deste dever, o voto ser-lhe á uma obrigação indeclinavel no dia em que o suffragio feminino fôr uma realidade e estiverem em jogo os principios basicos da familia e da sociedade.

As exigencias da vida moderna e a força das circunstancias têm introduzido modificações profundas no mecanismo social e entre estas figura a contingencia de grande numero de mulheres serem obrigadas a ganhar o pão com o proprio trabalho, tornando-se o amparo de suas familias.

No Brasil, é cedo demais para se resolver o problema feminista; basta que demos ás nossas patricias uma formação solida do caracter e aprimorada cultura intellectual e assim preparemos a mulher brasileira para o cabal desempenho de seus deveres para com a religião e a patria.

Pe. J. Cabral.

Poetisas do Crepusculo

I

SETEMBRO, o mês mais tórrido dos trópicos, em vertiginosa combustão.

Ao vagaroso agonizar desta incandescida tarde, pintalgada de sangue, intumescida de calma, faz-me enorme bem ouvir, assim, a soluçante melopeia das cigarras...

Daqui do minarête azul da tarde, onde sempre venho sonhar, adivinho-as lyricamente atarefadas, afinadinhas. — notas vivas de CHOPIN dispersas na pauta assymétrica das troncos, — commovidamente entregues á mágica orquestração da marcha fúnebre, que entoadam, chorando, ao funeral do dia...

DE MANSINHO, envolvente, cariciosa, infiltra-se-me na alma, acalenta-me os devaneios, embala-me a mocidade a sonata tristíssima destas cantoras desvairadas...

Expirando, a tarde palpita ainda...

Vi o sol. Aparece e desaparece a PENUMBRA de transição entre a luz e as trevas. Vem a noite. Absorto, estático, espiritualizado, continuo ouvindo a música dorida, a singultosa canção das imprevidentes poetisas do crepusculo.

Emmudeceram-se e agora!

DESCENDO, lento e lento, das cimas aos carcavões, os páramos aos abysmos, dissolvendo contornos, fundido as árvores e as casas, negreando tudo, a noite, a PERVERSA BRUXA-

MÓR, golpeou-lhes, impiedosa, a commovedora elegia...

ENDOLORIDAS CIGARRAS!

Endoloridos hemipteros, endoloridos e melodiosos, irremediavelmente jungidos ao seu insensato sonho de arte inconsciente, á sua lyrica paranoia de cantar, cantar, cantar...

II

DENTRO do horror da noite, pelas caladas sinistras, no fundo de minha alma, onde há uma noite mais caliginosa, vibra ainda, doendo, soluçando abafadamente, a abemolda symphonia das cigarras...

III

NO INVERNO, exaustas lyras...

E trôpegas de fome, comidas de cansaço, auto enrouquecidas, as minhas pobres musas crepusculares fatalmente descerão ao escuro subterraneo das formigas, em que há abundância de victualhas, precavidamente encelleiradas no estio, e factura de avareza...

POSTADA nos umbraes do sombrio palácio, lá estará a medonha carranca da formiga-porteira, que lhes há de vibrar, implacável, a cutilada da lendaria decepção...

POLONIO TABOSA



ARANHA OU FLOR?

Junto á janella do meu gabinete, fica uma magnoleira, muita vez, toda ponteadada de branco — magnolias perfumando o ar — ella me dá a illusão que a meu lado está aquella creatura ideal da qual, certo dia primaveril, me fallou um poeta dizendo *só fia* encantos para enfeitiçar.

De talfeiticera, *só fiandeira* de amavios sublimados, confesso que fiquei escravizado.

Deve ser Sophia, a meiga, porque quando deparo com o seu vulto esbelto, altivo, porem, sem arrogancias, antes com resquícios ingenuos, lembro-me de todas as silhuetas de mulheres que venceram pelo velludo de suas acções...

Ouvindo-lhe a voz, acode-me ao pensamento o gorgear de passaros canoros — patativas, pintasilgos, rouxinões.

Sentindo-lhe as mãos de maciez rara, é como se estivesse em contacto com finissimas pennas ou por entre a brancura de arminhos.

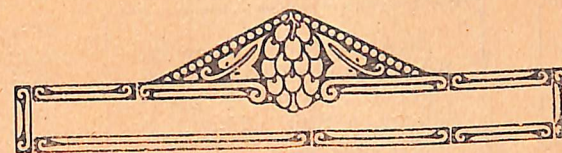
E' uma creatura divinal. Nella, estão concentrados muitos perfumes embriagadores, onde não falta o da modesta violeta — branca e singela — para maior fascinação do impenitente sonhador, seu admirador — desconhecido, que sente-se bem no aranhol onde cahio!

E' uma aranha? ... Não!
E' uma flôr!

Ave! inspiradora flôr!

Curityba — Paraná.

LÉO JUNIOR



Pharmacia Italiana

Rua Barão de Jundiahy, 100

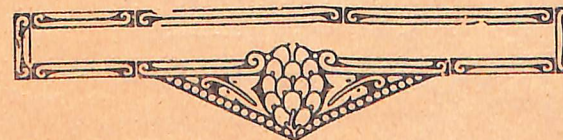
Telephone, 21

JUNDIAHY

M. Briza & Cia. Ltda.

Completo sortimento de productos chimicos e pharmaceuticos, nacionaes e estrangeiros.

Esmero e Escrupulo.
Preços modicos





ANNUNCIOS GRATUITOS



Aluga-se - Coração com pouco uso e rico de carinhos. Aluga-se um. Tratar com Marcello Balzan.

Professor - Amor por correspondência. Ensina-se por methodo moderno e garantido. Cartas ao Tenente Porphirio.

Procura-se - Rapaz que deseja casar-se por amor, procura moça que tenha um dote minimo de quinhentos contos. Dirija se ao Totô Oliveira.

Cartas de amor - Dispõe-se para desocupar lugar de grande quantidade de cartas de amor. Ver e tratar com Jurandyr de Lima.

Victrola - Ensina-se a tocar este instrumentos em pouco tempo. Trezentas e sessenta e cinco lições. Procure Pedro Ramos de Araujo.

Guarda-livros - Especialista em escriptas complicadas, offerece-se para deixal-a inteiramente atrapaalhada. Offertas a Lucilla Camargo.

Magoa - Alma maguada procura um balsamo consolador. Não se faz questão de preço. Offertas a Olga Trippe.

Tristezas - Vende-se por preço de ocasião um methodo de afugentar tristezas. Cartas á auctora Nadir Bueno.

Cartomante - Le a sorte por meio de cartas de amor. Não lê cartas de amor, porém. Senhorita Elza Pacheco.

Perdeu-se - Em Jundiáhy, perdeu-se uma dúzia de corações presos ás atrações da dona. Entregar á Odilla Chaves.

ANNUNCIANTE

A Cidade de Curityba

Curityba, capital do Estado do Paraná, é uma das mais bellas cidades do Brasil, quer pela sua situação topographica, quer pelo seu aspecto moderno. Dotada

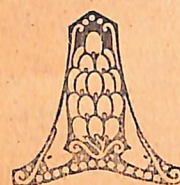
de ruas bem alinhadas, logradouros pittorescos, luz electrica rede de agua e esgotos, hotéis de 1.ª ordem, impressiona satisfatoriamente o forasteiro. Prima ainda, a formosa capital paranaense pelo seu clima saudavel e pelo colorido magestoso de sua natureza exuberante, que se descortina esplendorosamente, pelos seus arredores verdejantes, onde o PINHEIRO — e a HERVA—MATE levantam-se orgulhosos de serem as sentinellas avançadas da grandeza do Paraná!

Curityba, ao par de cidade moderna, é um centro de apreciavel desenvolvimento artistico e literario, de uma grande pujança material, fructo das actividades praticas de seu povo.

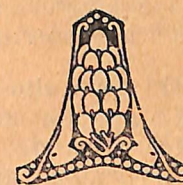
Curityba, foi fundada entre 1645 e 1649. Foi elevada a freguezia em 1654, a Villa em 1693, a cidade em 1842 e capital em 1854, desapparecendo a 5.ª Comarca de S. Paulo. A sua altitude sobre o nivel do mar é de 899 metros, sendo a mais alta das capitães do Brasil.

Curityba, cujo municipio tem a extenção territorial de 500 kilometros quadrados aproximadamente, e uma população que se eleva a mais de 100.000 habitantes, está fadada, entre as cidades do Sul Brasileiro, a um futuro extraordinario de progresso. Diariamente a vida commercial se multiplica e a industria avança vertiginosamente, acenando para o Paraná dias de intenso dynamismo. Em 1927 era de 572 o numero de suas fabricas em actividade sendo 17 o daquellas que explorando a industria hervateira sempre figuram como a principal fonte de rendas para os orçamentos da publica administração.

Curityba — Paraná
LEO JUNIOR



SEÇÃO FEMININA



Perguntas Indiscretas

Por quem pulsará verdadeiramente o coração da Hilda B., que parece alvejar uma dualidade de pensamentos?

Porque será que os olhos da Olga S. parecem sempre chorar, muito embora ella esteja sempre a sorrir?

Quaes serão os sonhos de amor que habitam a cabecinha gracil e linda da Negrinha S.?

Porque será que a Lady Z. não ri nunca, esboçando apenas um sorriso que morre em sua bocca de fada?

Porque os cabellos da Genny B. perderam aquella linda côr de floridas espigas de trigo?

Onde teria o Erasto S. adquirido aquella sua "pose" que o torna tão elegante e deveras captivante?

Porque razão teria o Adelino M. tirado aquelle lindo bigodinho que ensombrando o labio, dava-

lhe um « que » de conquistador?

Porque será que o Nilo B. o admirador das loiras, tem andado meditando de algum tempo a esta parte?

Quando o Oswaldo S. verá realizado o seu sonho ligando-se pelos laços do matrimonio aquella que elegeu sua deusa?

Quando á tardinha o José P. M. passa pela cidade no seu auto, não sentirá o desejo de ter ao seu lado «alguem»?

MEXERIQUEIRA

POSTAL

Ao Carlito Pacheco

Nada quebra a placidez do teu viver. Nada preocupa o teu espirito de moço. O teu coração voluvel assemelha-se a uma borboleta, a adejar por sobre os corações femininos, flores humanas que são. Poucas sobre os corações femininos, rouba-lhes o pollem dourado da illusão e depois alças de novo o vôo em procura de outros corações. Mas... cuidado!... Um dia encontrarás a flor cujo pollem doura do contenha o nectar embriagador do amor e depois de sugal-o já não mais terás forças para alçar novo vôo e te excravisarás então ao adoravel jugo de lindos olhos femininos.

PEROLA PALLIDA

Folhas Soltas

Se não existisse sobre a terra a mulher, o mundo não passaria de um deserto, porque a vida e o encanto do universo se con-

centram nessa criação que Deus fez de um sorriso.

Linda flor inda em botão, Ungida de puro orvalho, Inspira doce canção, Sob a sombra dum carvalho, Amimando o coração.

Quando o homem se viu no Paraizo sentiu a dolorosa tristeza da vida e chorou; mas, logo que sentiu o affago da mulher, o homem viu deante de si, rasgado pelo infinito um mun-

do de delicias e de riquezas mysteriosas e amou a vida e sorriu.

Os teus olhos linda flor,
Lampejam como dois soes,
Glorificando no amor,
Alvoradas, arrebóes.

A mulher foi um ente creado para a dor e talvez porisso mesmo a mulher que soffre e que chora tem um poder tão grande que todos os sentimentos se ajoelham diante de uma lagrima feminina.

No teu riso de princeza,
Aureolada de realleza,
Diviso tanta belleza,
Impregnada de amor,
Rescendendo linda flor.

Bastam teus olhos menina,
Uma illusão peregrina...
Estrellinha matutina...
Nascem dias, morrem noites...
Os teus olhos são açoites.

O lar é um grande templo, sob o patrocínio de uma santa, reverenciada por todo o universo — a mulher.

Rosa do Prado



RETRATO

(A' minha mui querida
amiguinha Guilhermina)

Um botão cheio de frescura e aroma, que lentamente desabrochando, embalsama o ar com seu perfume embriagador, atraindo com a sua fragancia corações que se deixaram prender pela candura e meiguice. Salienta-se não só pelo talento como também pela formosura e pela irresistível e mysteriosa força de seduzir a subjugar corações e ainda pela bondade, esse dom celestial, que Deus não deu a todos. Sentimento que se formou em seu coraçõesinho quando ainda era botão e que a-

gora se desabrocha viçosa e exuberantemente.

Bondade! Sentimento puro dos que amam; dos que são sensíveis ás lagrimas alheias. Sentimento que abre as portas do coração, tanto para o mendigo de pão, como também para o mendigo de amor.

Bondade! Sentimento consolador que faz secar as lagrimas dos afflitos, cessar a colera dos espiritos indomaveis; suavizar as maguas dos corações amargurados!

Bondade! Precioso dom que faz realçar a sympathia e belleza de quem o cultiva!

Belleza! Não lhe falta. Seu sorriso meigo, é atraente e seductor. Belleza! Dom precioso, que encanta a juventude radiosa e alegre, que anima a vida e que vivifica corações. E como não ha de ella possuir esse dom se é filha de uma terra tão linda, tão encantadora — Jundiahy.

Pureza! Esse mimoso ly-

rio de viço e candura, vive também nessa alma, encantando-a e tornando-a linda entre as lindas.

Todos esses dotes constituem a corôa de brilhantes, que fulgurará na fronte de quem tão bem se faz querer e amar.

São Paulo-12-6-29

Genoveva Lourenço.

Casa de Encanamentos

Cyriaco Vidilli

Rua Barão de Jundiahy, 55

POSTAES ESQUECIDOS

(Ao MIRO)

Eu não posso comprehender o porquê da miragem que reside nos teus olhos divinizados. Vejo-os sorrir, porque os teus olhos sorriem. Mas... para quem sorriem, não sei. Para todas que os fitam, talvez. Ah! se eu pudesse desvendar o mysterio dos teus olhos lindos, se eu pudesse! Ah! se eu pudesse possuil-os e guardal-os como dois carvões accesos tão perto do meu coração!

Mas, que loucura, Deus do infinito! Acaso eu não sei a quem pertence esses dois cirios luminosos, acaso não sei?

Guarda para ella a felicidade grande, que se alberga no teu coração: Proporciona-lhe todo o bem que és capaz de proporcionar-lhe. Eu tenho a certeza absoluta de que ella te quer muito... muito, procura para ti a felicidade... e não te arrepen-pés pisarem E pelas noites lindas de luar, cheia de luminosidade excelsa, sublime como a luminosidade dos teus olhos, pedirá a Deus pela tua felicidade sempre. a

JUREMA

DIZEM QUE . . .

a Maria S., que tanto gosta da Villa Arens, anda agora a espairecer a sua elegancia pela cidade por também della gostar.

a Appolonia Z., que tão captivante é, traz agora, preso aos seus encantos certo rapaz louro que ha muito lhe faz a corte.

a Isaura M., depressa esqueceu velhos amores e vive agora tão somente a pensar no presente e no que de bello elle offerece.

a Nella P., perdeu aquelle ar tão scismador que lhe era tão caracteristico, porque em sua vida surgiu a estrella de um novo amor.

a Irene M., é tão retrahida, porque ainda não encontrou aquelle que fizesse pulsar seu coração da alegria de amar.

o Antoninho P., vive agora tão somente para amar e que a imagem de alguém jamais se apagará de sua retina.

o Lazaro S., tem a sua Musa inspiradora em Rio Claro e que por isso é que elle se mantem sempre triste e... sincero

o Alfredo H. J., sente-se cada vez mais contente por perceber que cada dia mais se consolidam os laços que o prendem á sua Diva.

o Hallim G., anda loucamente enamorado de uma sua colleguinha de serviço, mas que a sua timidez o impossibilita de se declarar.

o Hacyb C., (Maninho) está aos poucos perdendo a sua jovialidade, porque agora o amor esta criando raizes seguras em seu coração.

Linguinha de Prata

Quem experimentar

PURGATIVO SALINO GAZOSO

BOM PALADAR SEM DIETA EFFEITO PROMPTO

CAJÚ PURGATIVO

Nunca mais usará outro purgante A' venda em todas as Pharmacias

Casa de Modas

Fazendas, Modas e Armarinho, chapéos para senhoras e creanças

Madame Maria Carletti

Rua Barão, 87 - Tel. 287
JUNDIAHY

Supplicas...

SONETO

A' senhorita Lady Zanirato

Tudo é tristeza, ninguém mais me vella
Sou como as rosas, que desfolhando se esvaem
N'uma dor tão immensa que jamais se cancella,
Meus amores gloriosos em soffrer já recahem

Amarguras revestem minhas glorias singelas
E a luz dos teus olhos tanto me atraem ...
Minhas flores murcharam tão puras e bellas
E tu não orvalhas, e as folhas já cahem ...

Não vês a minh'alma que sem amor vae soffrendo
Sosinha, calada, já vae esmorecendo
Lembrando o passado que jamais esqueci

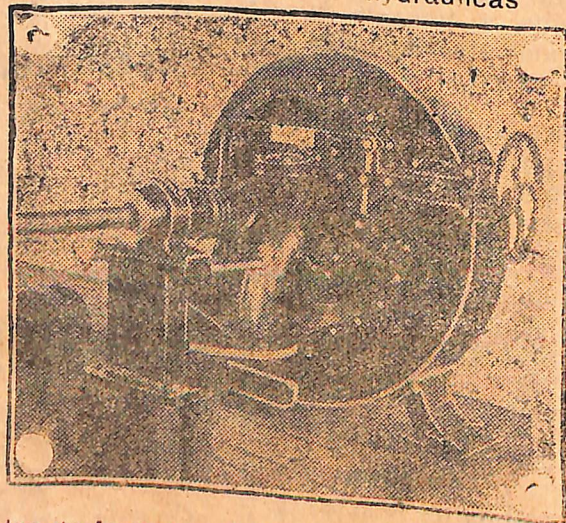
Oh! vinde ao meu encontro, que eu pedirei com doçura
Para a'quelle que pode pra dar-te ventura
Eu paga das dores que até agora soffri ...

JOSÉ ROMEIRO PEREIRA

14 annos

A ELECTRO - METALLICA

Fabrica de turbinas hydraulicas



Postes de ferro para linhas. Tubos de ferro batido.

J. KLOVRSA, Engenheiro

TELEPHONE, 1-5-3

Rna Barão de Jundiahy, 1 — JUNDIAHY

Est. de S. Paulo

Anno I

SULTANA

Num. 10

Director: Casimiro Brites Figueiredo

Revista mensal, literaria, critica, humoristica e illustrada

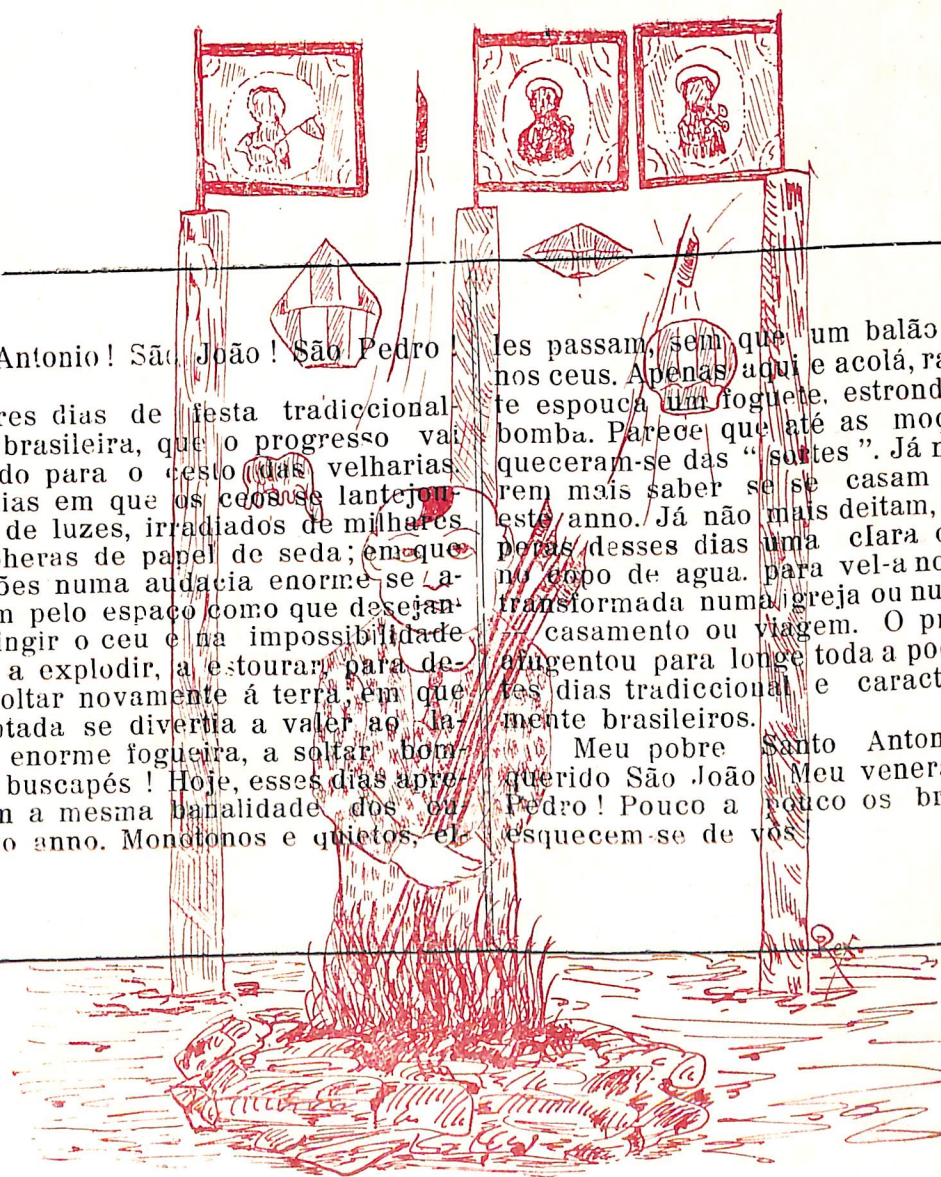
JUNDIAHY, 30 de Junho de 1929

Santo Antonio! São João! São Pedro!

Tres dias de festa tradicionalmente brasileira, que o progresso vai lançando para o cesto das velharias. Tres dias em que os coqueiros lantejam lavam de luzes, irradiados de milhares de esferas de papel de seda; em que os rojões numa audacia enorme se a-tiravam pelo espaço como que desejando attingir o ceu e na impossibilidade de tal a explodir, a estourar, para depois voltar novamente á terra, em que a garotada se divertia a valer ao lado de enorme fogueira, a soltar bombas e buscapés! Hoje, esses dias apresentam a mesma banalidade dos outros do anno. Monotonos e quietos, eles

passam, sem que um balão brilhe nos ceus. Apenas aqui e acolá, raramente espouca um foguete, estronda uma bomba. Parece que até as moças esqueceram-se das "sortes". Já não querem mais saber se se casam ou não este anno. Já não mais deitam, nas vésperas desses dias uma clara de ovo no copo de agua, para vel-a noutro dia transformada numa igreja ou num navio casamento ou viagem. O progresso attingentou para longe toda a poesia desses dias tradicional e caracteristicamente brasileiros.

Meu pobre Santo Antonio! Meu querido São João! Meu venerado São Pedro! Pouco a pouco os brasileiros esquecem-se de vos.



Paysagens de minha terra

— DIVINOPOLIS —

III

Quadros futricistas

1º quadro

15 annos são bem passados (na manteiga, ou no molho acebolado, é indifferente) que não contemplávamos extasiados as bellas tradições, que, pouco a pouco o «ralho do progresso, esta se incumbindo de «nickelar éllas». Guerra aos mosquitos (é a senha). Mas a alma papuda ainda « vibôra de evocativas emoções, pois que, no seu seio (va elle) t-mos gente « assanháu », doidinha da « Sirva », pela farra do foguetório e pelo barulho dos « traques », d'aquelles tempos em que corrente era feita de linguça de cachorro, ou por outra, cachorro era feito de corrente de linguça. «In ilo tempore», diz o latinista profundo, (d'um poço ou d'um rio).

Palavras cruzadas essas, tão sábias, quanto seja verdade que $2 + 2$ são 22. « In ilo tempore », no tempo do Nilo! Oh! que saudades que temos; principalmente atraz dos laranjaes, ou dentro dos galinheiros! «Vá de retro.» diz outro não menos profundo e mais afobado grego de Troia, marca «FFF». Vá direito! é a traducção na letra do pé, porem não se esqueçam da senha: Guerra ás pernas longas!... Qual, nem amarella febre (ou vice-versa, como vi pare); nem contracto de telephones sem « filhos », cu, etymologicamente falando, anatomicos (ora bolas, bolei as trocas, queria dizer — telephones pneumaticos), nem sóes no occaso a se erguerem rubros de « réiva », nem bondes

« massagardicos », de «alfomadas rasgadas, nem tapiações de 50 maçoni, nada disso tem a maxima mais grande da minima importamecia». O que queremos é: fôgos, fôgos, fôgos e mais fôgos até o Chico vir tomar posse, ou então vir de baixo. Divinopolis! Festa tão nossa! Festa tão cabocla que até « chaquai » a « arma » da gente Não acham « Vassourias » que isto é tão essencialmente agricola? Portanto « pinchemos » de lado essas humanas misérias, essas patacoadas da vidoca pros cavadores. Nós queremos é, já disse: Jorrão, jorrão, jorrão e mais jorrão. Queremos é ver sinos badallar 10 minutos só. Do meio dia ás 3 da tarde. Sô. E mais nada. Eta diabo, ia me esquecendo da senha;



E a carroçaria, qual poderosa artilharia, desfila contente da vidinha.

guerra aos pyrilampos. Alem, muito alem, alemnissimo, « ouvo » trôpel c'avança em um avançamentomagestoso de avançadas, quaes cohortes (ora que ideia, me lembrei do Carlos) legendarios de hostes aguerridas. Ouçamos! Espiemos e expreitemos que a « bagunçada » s'aproxima.

2º quadro

3 horas da « cera ». Rôjões que pipoqueiam em 3 tempos, no alto do cocuruto. Nos ares da minha terrinha querida, que os annos não trazem jamais em tempo algum Nos paralelepipedos das ruas enfeitadas, faiscam luzes do calçado ferreo da alimaria que entra festiva e garriamente ornamentada.

— Ôa! costa « Muleque »! Disgranhudo tá já pisano na corrente?

— Já táco uma lambada no « filho » do lombo!...

E a carroçada, intrepida, scilenc, entra invadindo ruas e praças e alamedas e bosques, não respeitando nem o emergencia do Açougue «mollar», num nunca mais acabar!

— Eta burrada! Maior não haverá de existir!...

— Pôbres dos varredores de ruas!...

— Alegra-te ó jardim; tens alimento para teu celeiro!...

Qual Galveston Brasileira, em trajes de « fueros », correntes, «tapas»

e cabestros, a carroçaria s'alinha (regular, nem muito grande, nem muito comprida) em uma baita exhibição dos productos florestaes. Eta Brazil Brasileiro! E' sô no «tanquam» (não se trata de professor). E' puro Brasileirismo brasileiro, e d'aquelles macótas!

Enquanto que na extranha terra do Tio São, o povo fica de queixo cahido pelos « carnames » de todas as beldades do orbe terra queo, nôs, (nôs, virgula) os papudões sem querermos. batemos o record mais sensacional de exhibições excéntricas! e paiz nenhum teve essa genial ideia: exhibição de páus! Muitas e muitas vezes eu vi (juro se preciso for) a Europa se curvar e beijar a dedanha dos pés do Brasil; mas porem, contudo, todavia, cotovia, desta vez não foi só a Europa! Foram todas as nações do Universo, inclu-

sive o proprio Brasil, que chorando, engasgado de emoção, com complicações de commoção, beijou e 7 vezes se curvou, ante esse impavido colosso, este « João d'ahi » queridinho!

Isso se conclue pelo seguinte telegramma, cujo final nos sensibilisa ao extremo: »

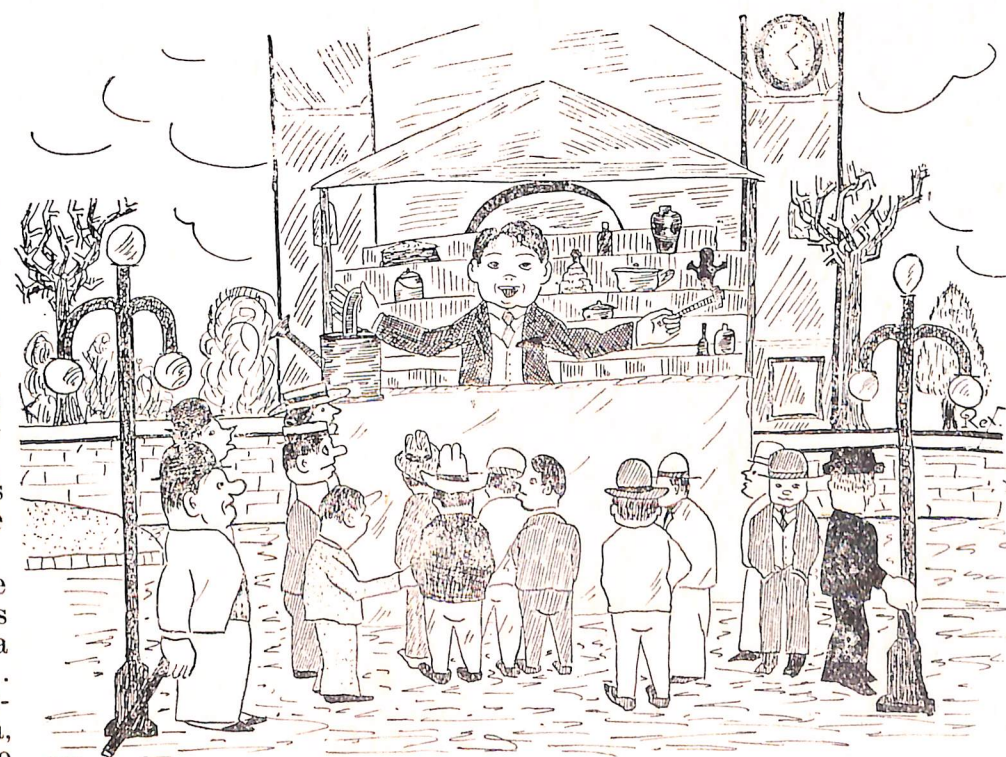
Meu caro Rio dos Bagres.

Lavraste um tento. Ficas considerada, de hoje pra traz, a maior nação do mundo, em poderes de excentricidades. Ficas sendo de hontem pra ante hontem, cognominada — a cidade dos Bichos no valsame véio de guerra. Teu humilde celvo.

(a) — Pau Brásil

E a carroçaria, qual poderosa artilharia, desfila contente da vidinha, não se lembrando que com seu estrepido marcial, os vidros das vidraças que ficam a sua retaguarda, vão se partindo, bipartindo, tripartindo de alegria!...

— Ara, deixe, nmm fa- is « mar » nenhum! ?...



Senhores! Quanto me dão? berra o gaiganteanta leloziro « sirrindo ».

Tudo é farra!

— São divinopolisações divinopolis da Bagropolis Paulistopolis.

EM TEMPO: Para o anno passado, no outro concurso de páus que se vai realisar, consta já ter adherido cerca de 4.000 americanos do norte, com as respectivas norte americanas; 2 « françois » e 1/2 esquimau! Esperemos, pois, esperando esperanças a vinda cá dellas e delles.

3.º quadro

Pleno leilão. No centro da praça vis a vis com o « beliscão » funciona o « corrêto » do leilão; leilão, frangão, patão, tudo bem assado e em papelão, aguardam a hora em que devem ser rematados pra cima de duzentão.

— Senhores! quanto me dão? berra o garganteante leiloeiro « sirrindo ».

— Quinhentão prelle levá a mandioca!

— 2\$000 reis pra não levar!

— Leva!

— Não leva?

— Leva!

— Levo!... que leve o diabo. E levou mesmo a mandioca.

Oh! vós que tendes de humano o coração! oh! vós que me ouvis nesta praça publica, do alto deste galho de pé de couve, não deixes de ir alli no «corrêto», arrematar as prendas cheirosas!...

— Mas não é «corrêto» que se diz? (interrompe uma voz)

— Como é então?...

— É coreto, coreto, coreto, co... re... to... co... re... to.

— Ahn! isso sim!

Senhores! quanto me dão? É um vidro de óleo de ricino!... grita aquelle mesmo Mestre que na

Exposição de Sevilha, desmaiara de desgosto.

— Quanto me dão!

— 20\$000 pro Coronel tomar esta noite!

— 100\$000

— 200\$000

E no fim do final, finalmente, não houve geito. O coronel quando percebeu tinha óleo de ricino «inté» no olho.

A lua vinha vindo, de gatinhas, ou de fordéco (não me lembro mais) por de traz da verde mata. As vezes espiava e quando via que o leilão estava no auge do entusiasmo, encolhia-se, todinha, de novo, e fazendo uma finguinha pro leiloeiro de oculos, dizia:

— Sé besta!... Não vou lá não, tenho medo de apanhar; tenho medo de regador. Até a volta, ó sympathico «zinho». E dizendo isto, descreveu no ar a figura de uma fructa sem caroço, esperança fagueira do Brasil velho de guerra.

E o leilão continuava, firme. Tanto os patos de dentro, como os patos e as patas de fóra, acotovellam-se em derredor do sympathico «corrêto» (o diabo errei otrefoá). A caça, aliada, protestára de balde (o peor seria si fosse de vassoura ou cacete ante aquella judiação por deixarem expostos ao tempo os bipedes, tripides, quadrupedes, semi-rús, todos alinhados alli, assados, é espera da competente rematação. A «musga bovolentana» rasga o espaço (dando um prejuizo collo-sal) «assuviano» um dengoso maxixe. Agora é o «pistoní» (não é o do crime da mala, não) que em dobres marciaes, arranca da «arma» cabocla, os accordes da musga italo-patricia! Eta pistão bão! Tem fólle de 7.000

cavalas HP²O + S. O. S.
— TERREMOTO

Apotheose

Extra... ordinariamente fallando, «teje» prezo desde já!

Em amplo salão, artisticamente enfeitado á «pellado», os donos dos carroceis lenheiros, avançam cada qual mais resolutos no «oviparo» regabofe, a que os antigos chinezes diziam — «Vai ó scroc telha» — que quer dizer na lingua de gente: chá das 5. E' um morder de «torridas» e um beber de Agua Japy, que não se acabam mais! Virgula, que só acabou no fim de terminar, isto é, no final do fim. Tristes, muito tristes, sentados de «crócas» nas raizes do centenário arvoredado do Largo da Força, espiando com «salivas» nos olhos, de vontade de entrar na «c-messão» dos taes «ó scroc», estavam os lidimos representantes das verdes serras Japysanas; o velho cacique «Cangáia», chefe poderoso de reforçada tribu e o seu inseparavel amigo, o Pira Angueiro, interventor juridico da saparia pin-gueira. Ao lado dessas «notabeleidades» estavam tambem outros illustres e sem lustres. De repente o chefe guerreiro se alevanta mais alto, e, descobre a queijeira centenaria, respeitosa-mente. Era outro chefe que se aproximava. Então, elle, solenne, impertubavel, batendo no hombro do que vinha de «arribar» assim «cacarejou»:

— Então ó chefe! Você tamém é do Divino?

— Sim! Sou.

— Antão vancê é o filho do véio Brito?

— Sou!

— Seu nome véio de guerra, não é Zéca?

— Perfeitissimamentissimamente!

Então o chefe serrano, vê brilhar nos seus olhos umas esperanças e querendo filar as «torridas» exclama de «chupetão», alegremente:



Um rojão subiu neste «momento solenne».

— Já cá estamos. Dá cá ó amigo um cartão prá «bóia»?

— Quero entrar na «bagunça»!

— O que?

— Um cartão... só...

— Ara, vá caçar bodoque com sapo! Está pensando que isto aqui é sogra da casa?

— Não vê que «tamo» com fome esfomeada...

— Quer saber de uma coisa? Não me amolle... e de mais á menos, isto não é eleição!... Já ouviu?

— Onde já se viu car-

tão!... Nem cartão, nem carta!...

— Espere, si quizer, as eleições!...

Um rojão subiu, neste «momento» solenne. Pipoqueou no ar 3 brutos estouros, cujos estilhaços fo-

Adios maxuxos.

Junho de 1929.

MARY NETTI

Devaneios

Sonhos doirados, poeira illusoria de felicidade que se procura em vão, são bem aquelles que entram na retina do nosso pensamento, quando a noss'alma como ave implame, com esforço chega até a borda do ninho quente e tenta alçar pela vez primeira o vôo longo, rasgar num tataral de azas, a amplidão sem fim dos céos infinitamente grandes. E depois, como learos redivivos cae sem força, desfallecida, morta pela loucura de sonho impossiveis.

A alma anceia. A alma é como a crysallida. Busca o momento opportuno para romper o casulo que a envolve e entrar em contacto directo com o sól exterior.

E na fórma de louca mariposa contorna a luz incandescente de sóes até então desconhecidos... a principio contorna os ao longe. Mas embriagada pela miragem, loucamente volita por cima das chammas até sentir as azas crestadas, os olhos entontecidos. Quer proseguir o vôo, sente o impossivel.

Outros sonhos veem depois. Sonhos dubios, incolores como a alvorada nevoenta. Tem o perfume de virginales capellas deliciosamente enfeitadas, e graciosamente

disposta sem grinaldas brancas, sobre a fronte virgem da mulher amada... e tem ao mesmo tempo o resaiço de beijos envenenados, colhidos ao luar, que traz a vida para todo o sempre agrilhoadas ao infinito de ancias desesperadas.

A rotina é como as flores. Orvalho penetrante nas corollas semi abertas da-lhes a vida e a mocidade. O sol se encarrega da coloração. Os sonhos bons delicias, faz-nos viver por minutos a vida deliciosamente sonhada.

Mocidade! Sons harmoniosos que penetram muito fundo na nossa alma. Tudo sorri victoriosamente como se a primavera fosse. Mas, ai! quando o crepusculo de um dia extraordinariamente lindo desaparece, e as florinhas se veem amortalhadas pela neve fria, sentimos já os membros enregelados. E' o meio termo da nossa jornada pelo mundo. Os cabellos enbranquecem. Os olhos ja não trazem a mesma luz da mocidade. Ah! se pudéssemos volver ao que deixámos de ser! Se pudéssemos. Palco infinito o mundo-onde todas as comédias se dramatisam.

Itatiba, Junho de 1929

Arruda Camargo

Uma do . . .

Benedicto

O nosso bom amigo Benedicto José dos Santos, exforçado auxiliar da Associação Commercial é sem duvida o homem dos sete instrumentos. Já foi em tempos idos musico; adep-

to da libertação dos escravos auxiliou em sua terra natal muita fuga; mestre de cosinha reputado, sua presença é indispensavel onde se organisa uns « comes »; gosta um pouco de « gastar » o seu francez e nas horas vagas . . . faz a cobrança da Associação.

Pois é exactamente dessa bella alma de celibatario impenitente que vamos aqui contar uma piada authentica. O Benedicto como homem que se ufana de contar mais de sessenta jazeiros, sente-se de vez em quando cansado comquanto bastante conservado ainda.

Ha dois ou tres meses atraz, o Benedicto estava na Paulicea, seu ponto preferido, tomando o seu habitual aperitivo. A roda amiga em que se encontrava era grande e selecta. Conversavam, faziam espirito, commentava se as actualidades, etc. A certo momento o Benedicto sentindo-se cansado pediu licença para sentar-se:

— Deixem-me sentar. Estou bastante cansado. Sinto um alquebramento nas pernas. Estou mesmo cansadissimo.

— E o que fizeste de extraordinario para estar assim cansado? Indagou um amigo.

— Por enquanto nada . . . Mas então não ha motivos para cansaço! . . .

— E' o que vocês julgam. Por enquanto eu não fiz nada mas amanhã eu tenho que andar muito. Vou proceder a cobrança da Associação.

— Mas, então é cedo para cançar se.

— Não é não. Eu costumo as vezes, ficar cansado de vespera.

E sentou-se socegado, mente, gozando o cansaço antecipado.

SULTÃO



Sempre, quando a primavera cobria de niveas grinaldas olentes, a galharada verde do arvoredo, eu a ouvia, gentil cantora, artista anonyma que ninguem lhe sabe o nome, saudar o sol, em hymnos estridentes. Quantas vezes largava o livro que lia e me embrenhava pelos arvoredos em procura daquella cigarra barulhenta. Mas . . . era bastante o sentir os meus pés pisando a fina grama que alcatifava o solo para que essa garganta de cristal emudecesse. Nunca consegui surprehendê-la, nunca. Por mais que a procurasse, por mais que tentasse descobri-la, baldados eram os esforços que empregava. Assim passava a primavera, a estação sublime das floradas d'ouro, renovando nos troncos novas gestações. Passava a primavera e com ella o canto da cigarra. Vinha depois o inverno frio pintalgando de branco os altos troncos já sem folhas. Passavam-se as luas. A primavera surgia de novo engrinaldando de flores as arvores cheias de rebentos novos. Só a minha cigarra, a minha canção-neira amiga, não voltou. Victimara a propria illusão dos seus fanados sonhos. E, cantando, em soluços, sentiu que a vida se lhe ia aos poucos . . . cantando adormeceu para sempre. De si, resta unicamente uma casca argentea, encontrada sob um jasmineiro e que como lembrança guardo, da minha cantora extincta. Pobre cigarra! Jamais os teus hymnos subirão aos céos infinitos na saudação ao astro rei, na sua jornada victoriosa pelos universos. Outras, bohemias passarão pela vida como tú, cantando, cantando sempre nos arvoredos floridos até que se lhes acabe a vida, cahindo como folhas mortas em redomoinhos, no turbilhão fatal, até a poeira doura que alcatifa o solo.

SE GIO



Nossa Estante

O nosso presado amigo e distincto collaborador, dr. Leocadio Corrêa, de Curityba, é incançavel na sua patriotica faina de propaganda paranaista. Não dá treguas ao seu pujante e fecundo espirito; não mede sacrificios e nem trabalhos para bem alto dizer do Paraná, de seus filhos, de suas cidades, de suas possibilidades, etc. Ainda agora vimos de nos certificar de tal asseveração. Recebemos, tres monographias, organisadas e elaboradas por esse nosso amigo e relativas ás tres importantes cidades paranaenses: Guarapuava, Prudentópolis e Thomazina. São obras volumosas, desenvolvidas, com variada illustração, e onde o auctor se esmerou em dar o melhor cuidado e meticulosidade. Ao par de completa noticia historica de cada uma das cidades, publica o movimento financeiro, commercial e industrial. São obras merecedoras de acurada leitura e que enche de orgulho a quem as lê, por sentirmos cada vez mais grandioso, mais rico e mais pujante o nosso amado Brasil, do qual o Paraná é pedra de primeira grandeza a figurar no seu diadema de grande Patria. Felicitando o nosso amigo, pela sua valio a contribuição de propaganda do Paraná, faze-



Melindrosa: — Que arvore é essa Papudo, cujos fructos não amadurecem?

Papudo: — Esta é a arvore dos projectos. E como projecto é . . . projecto . . . elles ficam nes . . . projectos . . .

mos votos sinceros para que não esmoreça na campanha encetada, em pródigo engrandecimento de um Estado brasileiro e consequentemente do Brasil.

“MISS PARANÁ”

E' o titulo de um album commemorativo da chegada de Didi Caillet á Curitiba. Finamente collaborado, illustrado com as photographias das mais bellas paranaenses, constitue uma obra de arte, bem á altura de patentear a Didi o alto conceito em que é tida em sua terra. O trabalho graphico que é impecavel mais realce deu a este trabalho.

“ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE”

Recebemos o ultimo e-

xemplar desta bem feita revista. E' uma publicação que honra sobremaneira o Paraná intellectual. Variada collaboração, texto magnifico, boa illustração, tornam-na uma das melhores revistas brasileiras; sem exagero. Para bem definila, fazemos nossa as palavras de uma co-estaduana, Violeta Odette, residente em São Paulo: “Entre as boas revistas que devem ser apoiadas pela intellectualidade brasileira está a “Illustração Paranaense” cuja feitura é attrahente e offerece sempre ensejo para que as almas sequiosas de belleza, graça, e desejosas de conhecer, até onde chega o esforço humano, se sintam satisfeitas e tambem possam expandir o que lhes canta no recesso”.



OS GARIMPEIROS

"No meio dos destroços da floresta, viam-se dispersas em desordem as frágeis e provisórias habitações dos garimpeiros, cobertas das compridas palmas do coqueiro bagassu. Começava a acalmar-se o rumor do rancho entoava ao som da viola os seus sertanejos, que assentado à porta, prolongadas e melancólicas iam echando ao longe pelas ribanceiras.

D'O GARIMPEIRO " Bernardo Guimarães

Ergue soberbamente a vasta matta bruta,
A selva verde-negra, a virgem deslumbrante
E do seu seio corre em espumosa lucta
O estreito ribeirão ruidoso, apavorante . . .

Nas margens, não existe o tronco da peroba
Que resistiu potente o enorme furacão;
Nem cedro secular com rama que se engloba
Desafiando altivo, os outros, na amplidão . . .

Aos golpes do machado as arvores das margens
Tombaram pela terra em barulhentos estrondos.
Ficando por alli, destroços de ramagens
E os lisos troncos nus, bem curtos, bem redondos.

E mais avante ainda os rusticos ranchinhos
Cobertos de sapé ou palmas de coqueiros,
Demonstram a grandeza heroica que entre espinhos
Luctam numa esperança os nobres garimpeiros.

Um em terra distante abandonou a esposa,
Um outro a velha mãe, a noiva, a meiga irma,
E entraram na floresta escura e tenebrosa
Todos ambicionando as glórias de amanhã,

E quando estão fazendo exame no cascalho
A ver si alguma pinta astuta se apresenta,
Unidos numa voz e attentos no trabalho
Soluçam a canção saudosa e lamurienta:

"Trabalhemos unidos, garimpos,
Sem lamentos da vida que temos,
Num grotão bem escuro e profundo
Essa lavra mais tarde acharemos.



Nossa mãe, nossa irmã, nossa noiva,
Nossa esposa querida; decerto
Esses entes de tantos carinhos
Nos aguardam com riso abertos

Trabalhemos unidos, garimpos,
Que essa sorte mais tarde virá.
O bom Deus contemplando os esforços
O precioso diamante dará . . .

E assim vão procurando achar a linda pedra,
A pedra diamantina, a pedra tão querida,
Sem darem attenção ao mal que perto medra
Ou mesmo a privação amarga e dolorida.

Antes do sol nascer elles já vão sahindo
Dessas habitações dispersas lá de um lado
E o cascalho durão na grupiãra extrahindo
Esperam realizar o sonho ambicionado.

E quando vem a tarde os nobres garimpeiros
Sentados nos portaes dos rusticos ranchinhos
Ao som de uma viola em cantos prasenteiros
Saudam a fresca tarde, eguaes como passarinhos.

E a bella melodia echôa nas ribanceiras
Do estreito ribeirão ruidoso, espumarado;
Fazendo despertar as illusões primeiras
Nos azas da ambição, do plano idealizado.

Ao longe, bem mais longe as ultimas palavras
Dos contos regionaes morrem nas soiedades
Como no apparecer das mais formosas lavras
Que voltam novamente às suas profundidades.

LUCCAS ALVOSTINHO
Do meu livro "SERTÃO DO AVANHANDAVA"
19-1-1928

Noite de Agosto

Foste a minha illusão n'uma noite de Agosto!
E eu tanto me illudi, que puz-me a soluçar...
Meu olhar era um lago á sombra do sol posto...
Vibre como uma dor que fica a latejar!...

E o silencio abateu, num golpe de pezar,
Meu triste coração pela dor já deposto!
Ouvi sinos de amor num vago badalar,
Na tristeza infeliz d'uma hora de desgosto!

E puz-me a caminhar, como sombra furtiva,
Na alameda sem fim, de goivos e saudade,
Ouvindo a vibração de uma nota afflictiva!

E eu tanto me illudi nesta noite tão linda,
Que hoje busco, a sorrir, o encanto da maldade
Dos teus lábios de amor, para illudir-me ainda!

Bebedouro, Maio de 1929.

ALBERTO LÉSSA

Allivio do Coração

Quando no fundo do meu peito
Tenho os furores dum vulcão,
E nesse intenso ardor, desfeito
Sinto agitar-se o coração,

Nem todo o encanto dest emtudo,
Nem o esplendor da paraizo,
Dá allivio ao meu soffrer profundo
Como um teu beijo e um teu sorriso.

Allivio da Alma

E quando n'alma negro oceano
Estoura, erguendo-se bravio
Contra o arrojado orgulho humano
Que a elle avança em desafio,

De nada valem teus amenos
Beijos, e o céu dos olhos teus,
Nem teu sorriso e a propria Venus!
Quem dá-me allivio á alma é Deus.

F. PESSOLANO

DEDICA-LHE . . .

Trocadilho Real

EXT. ESPECIALMENTE PARA "SULTANA"

A proposito de «misses» surgiram trocadilhos, mais ou menos condemnaveis. O lembrando MISS PARANÁ, porém, é, no genero, verdadeira joia. Refere-se aum collecionador de retratos de moça bonitas. Tal collecionador não podia deixar de arranjar o das «misses». Obteve o de todas, até das que não foram ao Rio. E dentre esses retratos, vinte tinham dedicatória e um, apenas. DIDI CAILLET...
Curityba — Paraná.

LÉO JUNIOR

BEM-TE-VI

Didi
No Rio de Janeiro,
Cantou
Como o Bem-te-vi . . .

Eu bem vi
E todo o Paraná,
Como cantou alli
Didi.

Bem te vi
« Miss Paraná ».

H je
Ella aqui está,
Como o pinheiro
Altaneiro;
Admirada,
Integrada,
Na alma do Paraná!

Curityba — Paraná.

LÉO JUNIOR

Prata de Casa

Acabamos de receber mais um exemplar desta bella revista paranista, que circula em Curityba sob a direcção de Léo Junior, o nosso brilhante collaborador. Numero dedicado a Morretes, a velha cidade paranaense, que tantos intellectuaes tem dado e entre os quaes fulgura como estrella de primeira grandeza Rocha Pombo. Como os demais, o presente numero está optimo correspondendo plenamente os fins a que se destinou.

Rectificando

O soneto « Minha Mãe » publicado no ultimo numero é do Snr. Alberto Lessa e não de Alberto Lima, conforme saiu publicado. Por esse cochilo de revisão pedimos desculpas ao nosso presado collaborador.



O TAMBOR DA IVAÍ

D'A GUERRA DO FLORES
GUSTAVO BARROSO (João do Norte)

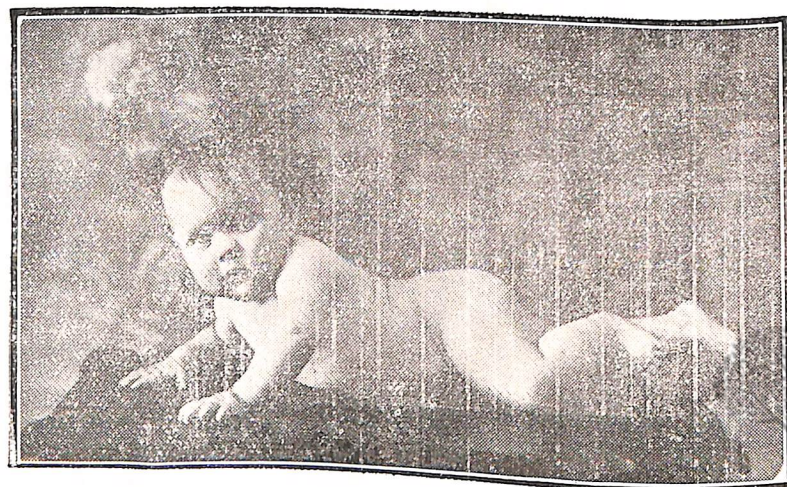
"Mil veces deplorable esa errada inmolação, nunca hemos vacilado en censurarla, porque la sangre derramada fuera del calor de la lucha siempre fecundará males sin cuento..."

(Luiz Alberto de Herrera - Buenos Aires; Urquiza y el Uruguay)

As forças brasileiras desembarcaram no Arroyo Sacra, para cooperar com o exercito de Flôres no ataque de Paisandú. As lanchas da esquadra abicaram á praia, sem serem incomodadas pelos inimigos e despejaram tranquillamente os contingentes enviados por Tamandaré.

Primeiramente, os duzentos soldados do 1.º batalhão de infantaria de linha, comandados pelo bravo capitão Francisco Maria dos Guimarães Peixoto. Depois, cem imperiaes marinheiros e cem fuzileiros navaes ás ordens do primeiro-tenente de marinha Francisco José de Freitas. E mais: tres peças de doze, mandadas pelo primeiro-tenente Antonio da Silva Teixeira e uma estativa de foguetes de guerra a cargo do segundo-tenente Miguel Antonio Pestana.

Guimarães Peixoto, assumio a chefia desse pequeno destacamento e marchou pela margem do rio contra o baluarte uruguaio, guarnecido por perto de dois mil homens com quinze bocas de fogo collocadas em optimas posições. Ao mes-



A galante e rechonchuda Nair, filhinha do nosso amigo sr. José Effemberger

mo tempo, do Arroio Sacra, onde acampava, Flôres pôz-se tambem em movimento contra Paisandú, com os seus seiscentos gaúchos montados e a pé, seus sete canhões e os cento e sessenta voluntarios brasileiros de Bonifacio Machado.

Caminharam as duas columnas bastante afastadas e os dois adversarios nada tentaram contra ellas. A' noite, D. Venancio acampou no meio das coxilhas e os nossos, isolados, na beira do rio. E amanheceu o dia sem que a gente de Leandro Gomez tivesse aproveitado a oportunidade para nos desferir um golpe serio.

Ao nascer do sol, a bandeira da força expediciona-

ria tremulou deante dos bastiões da cidade. Teixeira de Freitas assestou a sua bateria num pequeno cômodo e rompeu fogo contra as linhas uruguaias. As cornetas dos marinheiros e fusileiros, os tambores e os pifanos da infantaria tocaram a carga. Guimarães Peixoto brandio a espada e menos de quatrocentos homens se atiraram a baioneta contra os entrancheiramentos inimigos.

Um batalhão uruguaio, o 24 de Abril, desenvolveu-se em linha em nossa frente, afim de tolher-nos o impeto; mas as pontudas baionetas romperam os peitos de seus soldados, os coizes pesados nas Miniés e das Towers arrebutaram-lhes as

frontes e os tiros á queima roupa abateram os seus chefes. A linha uruguaia fluctuou indecisa momentos, esmoreceu e debandou, recolhendo-se destrocada ás trincheiras protectoras (1).

Os brasileiros, uivando de raiva, pulando como demonios, transpuzeram um largo tracto de terreno sob o mortifero fogo da infantaria e da artilharia dos *blancos*, mal protegidos pela bateria de desembarque, a qual não podia atirar com precisão, receiando causar-lhes mal. Em instantes, approximaram-se da cidade, acobertando-se com edificações e accidentes do terreno.

Em frente delles, um muro assestado que barrava o caminho. Mas a voz dos canhões de 68 da esquadra veio do rio. Os obuzes descreveram curvas silvantes sobre suas cabeças e fôram desmoralisar os uruguaioes por traz das cortinas e dos parapetos.

A nossa gente transpôz o muro e adeantou-se por uma rua que levava ao centro da cidade. Cuspiam-lhe balas os defensores, de cada habitação. Marinheiros e infantess caiam feridos e mortos a cada passo por aquelle fogo terrivel e certo a que somente se podia responder tomando casa por casa.

Tamandaré enviou mais cem marujos e um canhão de reforço sob as ordens do tenente João Baptista de Oliveira Montauray. Era pouco, porém era o que elle podia arranjar no momento sem desfalecer as guarnições dos navios de guerra. Esta força reuniu-se as gaúchos de Flôres e levou o ataque á cidade pelo lado do oeste, valentemente.

Desde sete horas da manhã, a esquadra bombardeava a cidade heroica e



os nossos valentes marujos e soldados a atacavam. Estes eram em numero menor do que os sitiados. Longe de sua base, que era a armada, ás tres horas da tarde mais ou menos, viram-se sem munições. E a bordo, as tripulações estavam fatigadissimas daquellas oito horas de incessante canhoneio.

Deve-se o assalto nas posições conquistadas. Guimarães Peixoto, embora ferido, postou piquetes e vedetas pelas esquinas das ruas que tomara e fez sua tropa descansar. A gaúchada de Flôres tambem repousou. A esquadra parou o bombardeio. Os uruguaioes de Leandro Gomez foram pensar os seus graves ferimentos. E um silencio de morte, cortado a espaços pelo gemo lento dos feridos, pesou sobre todo o vasto campo da luta.

Anoiteceu sem que se



travasse novo combate. Guimarães Peixoto, sem munições e sem reservas para conservar a zona da cidade que occupara, ordenou a retirada de toda a columna de assalto para o acampamento á margem do rio sob a protecção das baterias de Tamandaré.

Infantes, navaes e marujos, escoaram-se silenciosos e rápidos, levando os feridos em macas, pelas ruas entulhadas de destroços e coberta de cadaveres. Precediam-nos alguns batedores cantelosos e seguia-os uma pequena rectaguarda de imperiaes marinheiros. Entre elles, um dos tambores da IVAÍ, rapazote esparto e valente, de uns dezessete annos, que se portára como um veterano durante todo o ataque, tocando entusiasticamente a a carga na sua sonora caixa de guerra.

Fatigadissimo e faminto, o tamborzinho coxilava andando e, insensivelmente, se deixou ficar alguns passos para traz. A distancia augmentou sem que elle desse fé e, de subito, numa esquina, vio-se cercado de por quatro vultos negros.

— *Cala-te si no quieres morir!* rosnaram na escuridão.

Amarraram-lhe as mãos atraz das costas com uma tira de couro e enxotaram-no para o interior da cidade, picando-o com as pontas das baionetas e dando-lhe pentapés.

Desta sorte, o tambor chegou á presença de Leandro Gomez, de ante da COMMANDANCIA MILITAR. A' luz de duas grandes fogueiras, viam-se grupos de homens em armas, officiaes iam e vinham, uma fileira de prisioneiros — gaúchos de Flôres — estendia-se encostada a um muro, todos de mãos atadas com rêlhos. E, montado

numa cadeira, as mãos cruzadas sobre o encosto, Leandro Gomez conversava com os seus principaes auxiliares.

O cabo da patrulha que agarrára o tambor brasileiro fez-lhe continencia e apresentou-lhe o prisioneiro:

— Pegamos este macaquito!

Leandro Gomez pousou no pequeno marujo as suas pupillas de tigre e disse:

— Mêtam-no no cêpo uruguaio para elle assistir a um bello espectaculo.

E com um grito:

— Sargento Rodriguez!

— Prompto, coronel.

— Quantos são os *colorados* de D. Venancio que fôram aprisionados?

— Quarenta.

— Estão todos ahi em frente?

— Todos.

— Manda degolal-os um a um deante deste maca-

uruguaio, de faca núa na mão, approximava-se de cada prisioneiro e perguntava-lhe, sorridente:

— Quer por fóra ou por dentro?

Conforme a resposta, introduzia a faca no pescoço e cortava a carotida de dentro para fóra, ou fazia o contrario. Um esguicho de sangue molhava a terra. A victima dava, ás vezes, um pequeno salto; de outras, uns passos tropegos



David e Israel, os interessantes filhinhos do nosso bom amigo sr. Samuel Bulis, conceituado negociante nesta praça.

— Vaes pagar caro a tua audacia de tocar a carga em Paisandú!

O rapazinho guardava silencio. Os seus olhos doloridos fitavam o chefe inimigo sem pestanejar.

— E' quasi uma criança!... avançou o capitão Azambuja, com piedade.

Leandro Gomez ordenou, brusco:

quito mettido no cêpo.

Sob o péso dos fuzis que lhe puzeram aos hombros, ao aperto dos liames com que lhe ataram os braços e as pernas, a espinha dorsal curvada, os olhos saltando das orbitas com a violencia da dôr, o pobre brasileiro assistiu áquella scena espantosa. Era como um matadouro. Um

e despejava-se no chão, morta.

Quarenta vezes, sem poder desviar a cabeça, torturado no cêpo, o infeliz tambor ouviu aquella pergunta sinistra e presenciou aquella execução cruel. Um anel de aço constringia-lhe a garganta. Somente os olhos dilatados mostravam o horror da sua alma.

Leandro Gomez sorria, escaneado na sua cadeira (2).

— Está tudo liquidado, declarou o sargento.

— De madrugada, ordenou o scelerado, mande degolar esse macaquito que está provando o cêpo, e fie a cabeça numa vara e espete a em frente da bateria de marinha... Talvez os outros escravos do Imperador reconheçam o seu companheiro (3).

Ao clarear da manhã, no baluarte da cidade que defrontava a bateria do tenente Teixeira de Freitas, surgia, avoada numa vara, a cabeça decepada do pequeno brasileira.

— Que será aquillo? indagaram alguns marujos.

O official graduou o oculto e examinou o coisa.

— E' uma cabeça de gente, disse. E passou a luneta a um sargento.

Este tirou-a dos olhos, indignado, bradando:

— Ah! seu tenente, que malvadez! E' a cabeça do Felismino, o tambor da IVAÍ, que faltou esta noite á revista. Que bandidos!

— Que bandidos! repetiram os marinheiros todos.

O tenente Freitas mandou conteirar uma das peças de doze. Fez cuidadosamente a pontaria. E falou:

— Esses selvagens não hão de guardar aquelle trophéo, nem de nos fazer fôscas com elle. Faça fogo, sargento!

Quando a fumarada do tiro ascendeu para o espaço, curiosamente os marujos espiaram e viram a trincheira arrombada, cadáveres uruguaioes espalhados, e o sinistro trophéo desaparecera.

(1) "Um batalhão de Leandro Gómez, que havia sahido do entrincheiramento, ao encontro dos assaltantes, atemorizado pelo fogo vivo de nossa artilharia e auradores, bem como pela ra-

pidez da carga, correu e recolheu-se ás trincheiras".

(Jourdan op. cit., vol. I pag. 57)

(2) "O inimigo acabava de surpreender e degolar uma força de quarenta orientaes da gente de Flôres".

(Jourdan—idem—vol. I, pag. 59)

(3) "Poude elle então avaliar quão diverso era o proceder dos sitiantees de Leandro Gómez, que, havendo sido surpreendido extraviado um tambor da canhoeira IVAHY, mandou martyrizal-o e, depois, degolal-o, expondo a sua cabeça, espetada em um pau, em frente á bateria de marinha, para que a reconhecêsem".

(Jourdan—idem—vol. I, pag. 62.)

Mulheres

Mulher... ruiva, morena, loura, preta ou mongolica, ella é sempre a mesma. Um só espirito de volubilidade e despreocupação, a habitar o corpo de todas.



Com um sorriso de despreocupação a brincar nos labios, ellas posaram gentis, para o photographo e hoje enchem de graça e encanto as paginas de «Sultana»

Mulher... o ente que desde os tempos do Eden vem torturando o homem. Hontem, a tental-o com úa maçã saborosa, hoje, a lançar mão de todos os artificios que a modalhe põe nas mãos para conquistal-o.

Mulher... a encarnação perfeita da graça e da belleza... exteriormente... no recondito da alma habita a perfidia e a zombaria, a rirem sempre da credulidade masculina.

Mulher... o prototypo do indifferentismo. Olha sempre com desdem para os exforços que o homem dispende em prói de si... como si elle vivesse o indeclinavel dever de eleval-a aos pincares inatigiveis de sua vaidade.

Mulher... o ser que se julga perfeito, mas, que infelizmente não o é. Julga-se superior ao homem e no entanto nada mais é que o producto de uma costella furta-da ao homem pelo creador.

Mulher... formas lindas, traços perfectos, conjunto de harmonias estheticas, tendo a contrabalançar, futilidades muitas espiritualidade rica de mundanismo e ideias de perennes conquistadas a sua eterna caça—o homem.

Mulher... o espirito verdadeiro da despreocupação a vibrar dentro de um coração que vive sempre a escarnecer dos sentimen-

tos masculinos, como se elles fossem indignos de ser correspondidos.

Mulher... criação divina que após o sopro vivificador do Omnipotente, se deixou suggestionar pelos ensinamentos da serpente e que consistem na arte de fascinar o homem.

Mulher... o ante que devia constituir a melhor aspiração do homem, a sua melhor companheira, mas que apenas propina-lhe o amargo conteúdo da taça das illusões desfeitas.

MARCUS VINICIUS



Guardando uma lembrança de uma viagem ao Santuario de Pirapora, ellesahi estão a mostrar nos labios a algria de uma devoção curpida.



Outro grupo de romeiros piraporanos que após elevar sua prece ao Bom Jesus, procuraram guardar da piedosa viagem uma lembrança.

Pedro, o pescador

Conto

palavras de indagações, que aqui traduzimos.

— E' aqui a cidade de S. Paulo, patricio, que tanto ouço fallar?

— E' sim! Voce d'onde veio?

— Venho de Genova; cheguei hontem e nada conheço d'aqui!

— Para onde vai? Tens destino certo?

— Não sei! Vim aventurar fortuna e talvez fique aqui mesmo na Capital... o que o patricio acha? Eu sou sosinho, de modos que em qualquer lugar...

— Já que é assim, quer meu conselho de amigo? Siga para o interior que você terá mais probabilidade de exito. Si eu tivesse feito como fizeram meus patricios, talvez a esta hora estaria rico e não seria empregado. Meu unico futuro é uma simples aposentadoria... Ah! quanto me arrependo!...

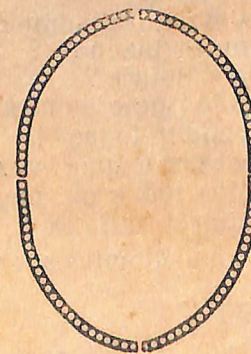
— Mas em que cidade

hei eu de ir e com que profissão?

— Olhe! vá para Ribeirão Preto trabalhar na lavoura; lá você encontrará muitos dos nossos patricios que estão senhores de haverese que podem te guiar nos primeiros passos. Lève um cartão meu a diversos delles e si não sedér bem procure outras zonas. O Brasil é muito grande e rico e você como é esperto, póde muito bem ser feliz!... Dias depois, Pedro, despedia-se do amigo, rumo ao interior.

**

Pedro era um espirito aventureiro. Gostava pouco de « puxar pelo corpo », como se diz na gíria, e bem por isso aborreceu-se logo do cabo da enxada e achava que aquelle myster não era para elle que tinha outras aspirações. Andou por esse mundo áfora experimentou diversas profissões até que finalmente foi dar com os costados, alguns annos depois na cidade de Porto-Feliz, onde vamos encontrá-lo novamente, mas desta vez já, de familia constituida, e para seu enlevo lá estava a Marietta que então contava cinco primaveras. Na escadaria da Monção, á margem do rio Tieté, ergue-se soberbo o frondoso arbusto em cuja sombra hospitaleira descansaram os intrepidos bandeirantes Paulistas os desbravadores destemidos dos sertões brasileiros. Debaixo dessa muitas vezes centenaria arvore que a Municipalidade do lugar conserva com tradicional carinho, está Pedro sentado, tendo a seu lado sua filhinha idolatrada que brinca, tendo presa nas mãos, os alvos seixos que a correnteza atirára á margem. Téce uma rede de pescar, tendo outra esten-



dida no meio do rio. De vez em quando levanta a cabeça e dá uma olhada na « boia » de cortiça que ao largo se vê. Pedro fizera se pescador. A seus pés rôla sereno e magestoso, ondulando as curvaturas mansas, o lendário Tieté dos Bandeirantes!

Vinte e cinco annos depois que o conhecemos.

— Faça o favor de des-
contar este cheque?

— Um momento...

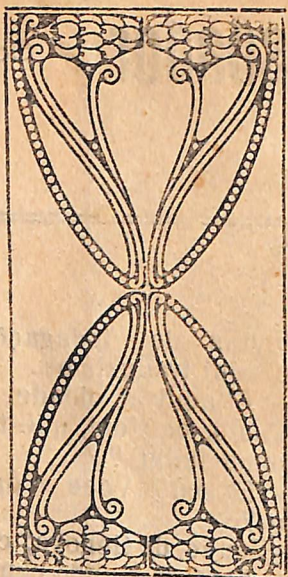
E o homem da secção de descontos da Banca Franceza e Italiana, em S. Paulo, pegando o cheque sóme por entre aquella multidão de empregados, voltando novamente, momento depois e apresenta ao cliente uma folha de papel e diz apontando uma determinada linha:

— Tenha bondade de assignar aqui...

E o homem de tórã do « guichet », com mão tremula pega da penna apresentada e com uma letra quasi illegivel, vagarosamente, assigna: Pietro Botigliieri Carvuzzi.

— Faça o favor de conferir aqui mesmo; ahi estão 600 contos!

Pedro recebendo o dinheiro, ia dispor-se a sair, quando uma voz, sua conhecida, lhe chama, ao mesmo tempo que percebe, que alguém lhe bate no



ombro e estende os braços para abraçá-lo.

— O' Pedro você por aqui? O que anda fazendo no Banco?

— Vim receber dinheiro pois acabo de vender minha fazenda na Noroeste, por 600 contos!

— Não me diga; voce já está rico? Pois eu te conheci tecedor de redes na margem do Tieté e agora capitalista!... Como foi isto? ... Conte-me lá!

— Sorte meu amigo, muita sorte! Tanto fiz, tanto andei que sempre consegui acumular algum dinheiro, graças a alta do café e a valorisação consequente das propriedades agrícolas.

— Quantos annos foi fazendeiro?

10 annos.

— Vai naturalmente comprar outra fazenda? Uma de mais futuro?

— Não; pelo contrario! Vou vender todas as minhas casas e uma vez liquidados todos os negocios, voltarei a Italia...

— Com quantos annos V. está?

— 50.

— Ora V. com 50 annos pôde trabalhar mais ainda. Está forte, bem disposto e pôde

ganhar muito dinheiro. Acho tolice essa sua idea...

— Mas eu só tenho uma filha e essa mesma está agora na Italia e logo se consorcia com um influente chefe politico toscano. Lá iremos morar. Que queres, já possuo perto de mil contos e demais a mais, isto aqui, não dá mais nada...

Ancorado no porto de Santos está o luxuoso paquete italiano « Conte Rosso », prestes a largar fêrris.

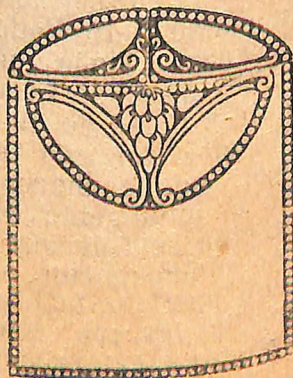
Em cabine de 1ª classe o sr. Pietro Botigliieri Carvuzzi e Senhora despédem-se dos seus amigos.

Innumeros telegrammas, cartas e cartões, jazem á um canto da meza, todos com o mesmo nome do destinatario: Al signor Cav. Uff. Pietro Botigliieri Carvuzzi « bordo di Conte Rosso ».

Já fóra da barra, nas alturas de Ponta Grossa, em demanda á velha Europa, da amurada do tombadilho do grande transatlantico o antigo pescador, agora milionario, entretanto, lança um olhar de indiferença á terra de Santa Cruz, á essa mesma terra, que ha 25 annos o recebia de braços abertos, e que hoje não dava para elle, mais nada!

Junho de 1929.

ARO



Telas & Fitas

« The Canary Murder Case »

Ignora-se ainda qual será o titulo em portuguez deste film da Paramount, dirigida por Malcolm St. Clair e em cuja distribuição se encontram William Powell, Louise Brooks, James Hall, Jean Arthur e outros artistas de cathogoria inferior. E' um drama policial, em que o protagonista é um senhor rico (William Powell) apaixonado pelo descobrimento de crimes mysteriosos. Uma corista, (Louise Brooks) é assassinada e suspeita se de varias pessoas até que Powell usando de methodos modernos e scientificos, soluciona o crime. O final

é de uma surpresa absoluta para o espectador, o que faz com que esta pelli-cula constitua um espectáculo interessante.

« Tide of Empire »

Obra da M. G. M., dirigida por Allen Duvan, cujo titulo em portuguez é ainda desconhecido. O enredo se desenvolve na California de 49, quando, pela primeira vez se descobriu ouro nessa terra e que resultou numa invasão de elementos aventureiros em busca do cobiçado metal. Renée Adorée representa o papel de uma donzella hespanhola e a sua belleza gallica resalta no ambiente romantica desta obra historica. George Duryea faz o papel de joven galan com acerto e naturalidade. Nesta epocha de argumentos



theatraes e cintas falladas, M. G. M. nos apresenta uma cinta muda cheia de acção e de belleza cinematographica; uma cinta typica do oeste norte-americano; e o final é satisfatorio e em extremo emocionante. Cinema é cinema, e seja elle fallado ou mudo, as obras que se projectam na tela subsistem e fallam do merito e exforço que o director e os interpretes souberam ou não fazer, sobresahir. Esta obra da scena muda é digna de ser vista por todos os amantes do cinema.

Charlie Chaplin e um dos pouquissimos actores e productores de Hollywood que ainda se mantem indifferente deante do cinema fallado. Conforme suas declarações, « Luzes da cidade » — seu ultimo film — terá possivelmente sons, porem não se ouvirá sua voz. E sem embargo, poucas vozes seriam escutadas no mundo com maior affecto



Norma Shearer



e curiosidade que a do grande comico.

Lew Cody foi transportado em um vagão ambulancia desde Nova York até Hollywood, grave mente enfermo de depressão nervosa. Ao mesmo tempo sua esposa, a actriz Maber Norman lutava contra a morte atacada de terrivel tuberculose. As noticias de ultima hora, permitem, porrem, esperar as melhoras de ambos os conjugues, atingidos pela desgraça, depois de tantos annos de gloria e de fortuna.

Viola Dana e sua irmã Shirley Mazon voltaram a figurar nos atelieres de Hollywood depois de larga ausencia. Ambas estão contractadas em differentes « estudios » independentes.



William Fairbanks

LEATRICE JOY

Colleen Moore acaba de sucumbir a obsessão « parlante » do ambiente. Sua nova produção, actualmente em vias de terminar será falada e cantada.

Pequenas Noticias

Gertrude Olmsted é americana e tem 25 annos de idade.

Rod La Rocque está filmando « Virgens Modernas » nos atelieres da Metro.

Ben Lyon pensa em casar-se com Bebé Daniels.

Greta Garbo occulta até hoje a verdadeira data de seu nascimento.



Norma Shearer talvez abandone por algum tempo o cinema.

Fiteiro

MEU CORREIO

L. P. S. — Nesta — Lamento não poder responder satisfactoriamente sua pergunta. Pesquizei a respeito, mas nada descobri. Mas... não desanime, talvez no proximo numero.

Fiteiro



PHOTOGRAPHIA IDEAL Alexandre Janczur



Com casa especial de molduras para quadros espelhos, vidros, porta retratos de crystal, santos em alto relevo, estatuetas e estampas.

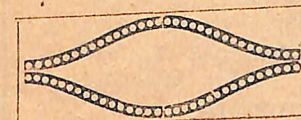
Camara escura para amadores

Machinas photographicas, films, chapas, reveladores, etc.

Rua do Rosario, 30

Telephone, 386

JUNDIAHY



A INSTALADORA

Rua do Rosario, 63 Telephone, 369

(Praça de Independencia)

Motores, transformadores, lustres, plafonieres, oleo para qualquer especie de machina. Grande exposições permanentes de artigos de luxo e phantasia. Dispondo de habéis engenheiro electricistas, encarrega-se de installações de luz e força, fazendo levantamentos de plantas e orçamentos. — Lampadas de todos os typos e todas as potencias —

Artigos de electricidade em geral

Annuncios luminosos, para todos os preços

CONFEITARIA SERENO

Bebidas finas, licores, Aperitivos, vinhos, Aguas Mineraes e refrescos.

Doces, fructas e chocolates. Charutos e Cigarros.

ANTONIO SERENO

Rua Barão do Jundiahy, 118. Largo da Matriz - JUNDIAHY



LENDA DO K.

(Conto Oriental)

K lcando o mar ardente das areias
K minha laguorosa, lentamente,
K ravana do alem -- qual seu destino ?
K naan ? — vã miragem que lhe mente ?

K fila triste de angulosos, magros
K melos arquejantes poeirentos,
K valgados de extranhos viajores,
K veiros, os mirrados, purulentos.

K lido o solo, calidos os ventos,
K nicular a luz que o sól entorna,
K liginosa nuvem de poeira
K da vez mais ardente o ar lhes torna.

K madas arenosas se levantam,
K tacylsmo, desfaz se, formidando,
K bisbaixa se vão as alimarias,
K tadupas de areia atravessando.

K lamidadas atroz impelle-os sempre,
K denciadamente vão além.
K rinhoso não surge um só oasis,
K vernas o deserto não as tem.

K lifa, algum califa os expulsara ?
K leb ou Josué não mais tereis ?
K terva de infelizes, porque crime
K astigo tão cruel assim soffreis ?

K daveres não são, mas são leprosos
K nibalescamente devorados . . .
K prichos da desgraça ! nem desfructam
K ricias dos seus caros — regeitados !

K naan, Canaan talvez demandam,
K ara visão de doce paz e gozo ?
K minham sim, em busca de um propheta
K ptivante, divino, milagroso.

K pharnaum, Capharnaum procuram.
K aridade descêra, alli, celeste.
K recém elles do senhor da vida
K paz, querendo, de os livrar da peste.

K hiram muitas noites no deserto,
K usticamente vinha sempre o dia,
K lcinados do sól, feroz simún
K chões de areia sempre revolvía.

K melos, já regressam no horisonte,
K beceando vinham tristemente,
K usavam dó — a morte presentiam . . .
K tastrophe cruel, já imminente.

K rregam sobre elles numeros os
K valleiros — ferozes beduinos;
K ptivam nos, retalham-nos, despojam-nos.
K stigo atroz ! — segredos são divinos.

K balisticamente amaldiçoam
K daveres que o sól queima e denigre,
K ndente, impiedoso, até que chegue
K rniceiro, voraz, enorme trigre.

K zo extranho, terrível ! ella mesma,
K ravana sinistra dos leprosos ! . . .
K ntando vinham porque já curados,
K da qual tinha sonhos venturosos.

K sta de ingratos ! o tufão ardente
K veirentos embora, os poupára.
K zo nenhum fizeram do rabi
K ridoso, divino. Um só voltára,

K hira agradecido de joelhos,
K ptivo do bom Medico, por certo,
K rinhoso mancebo. Delle só
K veira não havia no deserto.

KLIF.

QUER CASAR ?

Arranje a Noiva que a
Cooperativa do Povo
Salvador Jaroslavsky

MOBILIARÁ SUA CASA. O MAIS
COMPLETO SORTIMENTO. STOCK
DE MOVEIS, TAPETES E PASSA-
OCEIRAS.

Os melhores artigos pelos mais
baixos preços !

Facilita-se os pagamentos

Rua Barão, 75 e 77. Teleph. 157

**Casa Oliveira**

Completo sortimento de
ferragens, Louças e tintas
Cimento, Arame farpado,
Telhas de zinco, Formicida
superior e Sementes.
— Artigos de electricida-
de em geral. — Seccos
e Molhados — Vidros para
vidraças —

A. J. Oliveira

Rua B. de Jundiacy, 100

Telephone, 89 - JUNDIACY.

Salão Americano

DE

Raphael Ungaro

Rua do Rosario, 65 - Phone. 261

O proprietario, contando
com officiaes peritos, faz
siente pue está apto pa-
ra servir ao mais exigen-
te freguez: Serviço feito
com hygiene e perfeição.
Atende á domicilio. —
Grande sortimento de per-
fumaria finas.

— Anexo, com entrada
independente, um bem
montado gabinete para
senhoras, obedecendo
aos seguintes preços:
Dias de semana 2\$500
Sabbado 3\$000

Casa Dois Irmãos

A MAIS

BARATEIRA

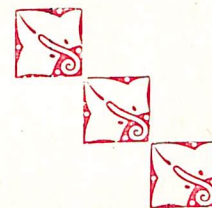
Especialidade em moveis de estylo, tapetes, col-
chões e fazendas. — Completo sortimento de
CONGOLEUM «Sello de Ouro», LIVOLEUM, pas-
sadeiras e tapetes de lã. — Grande sortimento
de casacos para senhoras e senhoritas
Fabrica-se sob medidas.

Relogios de parede,
Carrilhões — Dormitorios e Salas de Jantar, ar-
tigos finos. — Vendas a dinheiro e facilitamos os
pagamentos :: :: :: :: ::

Samuel Bulis



Rua Barão de Jundiacy, 71
Telephone N. 379

CORREIO DE "SULTANA"

Genoveva Lourenço — S. Paulo — Publicamos hoje um dos seus trabalhos. O outro impreterivelmente no proximo numero. Gostamos de ver o exorço da nossa conterranea ?

Aro — Nesta — Publicamos hoje o seu conto. Forçados á ulti-
ma hora a supprimir materia, a sacrificada foi « Typos Populares », bem contra a nossa vontade. A vida de imprensa as vezes nos reserva dessas cousas. Desculpe, sim ?

Léo Junior — Curityba — Temos recebido e publicado sua constan-
te e variada collaboração. Recebem nossa carta ultima ? Gostámos do seu trabalho. São obras de folego. Temos recebido «Prata de Casa ».

L. P. B. — Nesta — Sua collaboração não se quadra no nosso programma. Nada temos que ver com a administração municipal. Criticas são em « charges » e essas mesmas orientadas pela redacção. Fô-
ra disso, cesto com tudo quanto apparecer no genero.

Duillio Gambini — Avaré — Recebeu nossa ultima carta ? Rece-
bemos sua collaboração e a photographia. No proximo numero ambas as cousas. Não se esqueça do prometido — as apreciações. Recebeu o numero atrazado de « Sultana ». Mandaremos os dois.

Raul Osuna Delgado — Avaré. — Recebeu nossa missiva ? At-
tendemos, a sua justa reclamação e providenciamos nova remessa. Tem andado afastado de nós. Porque ? Appareça.

Luccas Agostinho — Nesta — Recebemos seus trabalhos. Como
verá, publicamos um neste numero o outro no proximo. Um pouco de
cada vez. Gratos.

Jurema — Nesta — Recebemos. Pensavamos, que fosse uma de-
claração de amor. Não se esqueça que o nosso Director é casado
tres vezes e divorciado quatro, muito embora não tenha completado
os . . . quatorze annos. Se a amiguinha quizer, elle espera estar ca-
sado novamente antes dos . . . sessenta annos. Desculpe-nos a piada
e até o proximo numero.

Lagrima Occulta — Nesta — Que é feito da bôa amiguinha que
não nos deu o prazer de seu apparecimento ? «Medalhões» é collabora-
ção indispensavel de «Sultana». Mas . . . a causa, nós conhecemos.
Quando se começa amar . . .

Annunciante — Nesta — Com alguns cortes publicamos a sua
collaboração. Nem tudo se vende, não obstante o utilitarismo da epo-
cha. Na proxima vez, mais cuidado.

Tenente Zinho — Nesta — Abençoado aquelle que inventou o
cesto. Abençoada a intuição da carroça de lixo. São os logares ade-
quados a sua «prodigiosa» collaboração. Meu amigo, escrever, não é
plantar couves.

JOÃO D'ORIENTE

Handwritten notes in cursive script, including "H. J. ...", "M. ...", and "H. ...".

Paulista

Handwritten flourish or decorative element.

Handwritten flourish or decorative element.

Lucia



**AH
MABS**

*Francisco
Waterman*

Handwritten flourish or decorative element.